
Artigo Original

Análise do Programa de Extensão Cursinho Ingressa da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA): Possibilidades e Desafios

Danielle Michelle Araújo Moura*

* Doutora em Antropologia Social pela UFRGS. Docente do curso de Antropologia e Diversidade Cultural Latino-Americana da Unila e coordenadora do programa Cursinho Ingressa: Educação e Integração. Docente da Universidade Federal de Integração Latino-Americana (UNILA).

danielle.araujo@unila.edu.br

Palavras-chave

Extensão universitária
Integração latino-americana

Resumo:

Este artigo tem o propósito de realizar uma análise sobre a extensão universitária em instituições de ensino superior. Seu foco incidirá sobre instituições recentemente criadas, especificamente a Universidade Federal da Integração Latino-Americana – UNILA. Criada em 2008, essa instituição tem como missão promover a integração latino-americana. Para além da discussão, muitas vezes problemática, que o termo integração engendra em diferentes disciplinas e áreas de conhecimento, há que se reconhecer que a integração confere à instituição uma identidade que pode norteá-la política e academicamente. Nesse contexto, a extensão universitária pode ter um lugar importante para os propósitos da universidade. Assim, o artigo se ocupa com a reflexão sobre os desafios e as possibilidades da extensão universitária no âmbito de integração multinacional. Parte de revisão bibliográfica sobre a temática e de análise do Programa Cursinho Ingressa: Educação e Integração. Para avançar nos propósitos idealizados, a UNILA necessita de diálogo afinado com todas as esferas que a compõe. Somente por meio de ação sinérgica será possível discutir a integração com base nos seus dilemas atuais.

Artigo recebido em: 16.04.2015.

Aprovado para publicação em: 09.09.2015.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem o propósito de analisar as possibilidades da chamada extensão em novas instituições de ensino superior. Os argumentos que nutrem as proposições apresentadas partem de um recorrido histórico sobre a prática da extensão nas universidades brasileiras, e de minha atuação como coordenadora do programa de extensão Cursinho Ingressa: Educação e Integração. A mudança estrutural que buscamos nas universidades só será possível se realizarmos uma reflexão densa das áreas que a constituem.

Muitos estudiosos já apontaram as causas e as consequências da crise no ensino superior. De espaço formador de cidadão consciente de causas sociais, essas instituições estão cada vez mais produzindo profissionais voltados para o mercado, por isso refratários a qualquer preocupação social. Espera-se muito mais de uma universidade – cientificamente, que elas possam produzir conhecimento concatenados às necessidades vigentes e disponíveis à sociedade; socialmente, que sejam uma arena de debates profícuos e engajados, orientadas por valores e não em interesses.

As ditas instituições consolidadas mostram-se refratárias diante da proposta de discutir com afinco algumas temáticas. Para atender às demandas específicas nos últimos anos, foram criadas instituições cujo propósito é colocar em foco temas que em outras instituições estão em segundo plano. A Unila¹ está situada

nesse contexto, pois seu foco é a integração latino-americana. Mas para atender à missão da universidade, é preciso redimensionar as áreas que a constituem e o seu papel nessa nova engrenagem de produção do saber.

Tal empreendimento requer coragem e ousadia para eliminar ações estereis, enrijecidas pelo automatismo acadêmico, e criar práticas de contorno mais nítido e eficaz. A reflexão e a consequente transformação do papel de esferas convencionais, solapadas pelo determinismo automático, como é o caso da extensão universitária, pode ser um caminho fértil para questionar e propor ações mais sinérgicas com as necessidades atuais.

Neste artigo faço algumas reflexões sobre as possibilidades e, sobretudo, uma crítica aos costumeiros equívocos da extensão. Na primeira parte apresento breve análise histórica sobre a criação e a prática da extensão no Brasil, para, em sequência, apresentar a experiência do Programa “Cursinho Ingressa: Educação e Integração”, na Unila.

A EXTENSÃO NAS UNIVERSIDADES BRASILEIRAS

De acordo com a socióloga Silene Moraes Freire (2008), as primeiras inflexões sobre a extensão universitária no Brasil aconteceram nos anos da Revolução de 1930. O termo “extensão”, citado no estatuto das universidades brasileiras, já naquela época apontava para a relação entre universidade e a sociedade.

Para Freire (2008), os chamados “anos de chumbo” da ditadura militar brasileira levaram as universidades à discussão de como poderiam interferir na sociedade sem ameaçar os interesses do regime. A extensão, naquele período, foi a porta de entrada ou saída para a vida social. As esferas do ensino e da pesquisa estavam “naturalmente” distanciadas, mas, para manter o ideótipo de instituição ligada à vida social, as universidades precisaram de uma instância específica para esse fim — a extensão.

Na década de trinta o Decreto Presidencial nº 19.851, de 11 de abril, instituiu o regime universitário no Brasil. Esse documento legal apontava para a relação da extensão universitária com a sociedade por meio de cursos e de conferências. O que estava na base da discussão, já naquela época, é a tentativa de criar mecanismos que aproximassem a universidade pública da realidade social, isto é, que ela se tornasse menos elitista e estabelecesse diálogos com a sociedade, que, no final das contas, é quem a financia.

Nesse contexto, a extensão é o espaço privilegiado para criar pontes com o social, diante do relativo mutismo do ensino e da pesquisa. Como afirmou Botomé (1996), psicólogo e docente da UFSC, caberia à extensão fazer o que eles não faziam e, assim, continuar sendo o que eram: esferas descompromissadas com a realidade social.

O debate sobre a extensão e o papel da universidade voltou à cena social nos anos 1990, sob o prisma do neoliberalismo.

Nesse período a expansão das universidades privadas e a forte inferência de empresas nas universidades públicas nortearam a produção acadêmica para a esfera mercadológica, direcionando as universidades para iniciativas de qualificação da produção, assim passando a atuar segundo uma lógica produtivista inimiga da reflexão crítica.

Evidencia-se, por esses termos, que o crescimento das instituições universitárias, crescimento fomentado pela iniciativa privada, torna a ambiência universitária cada vez mais devota às lógicas de mercado.

Nesse contexto deturpa-se ainda mais o espaço da formação quando ele se converte em espaço de formatação de pessoas que passam a ser cerceadas para as exigências do mercado. A transformação das instituições universitárias em universidade-empresa, isto é, um espaço guiado e comprometido,

organicamente, com a lógica do mercado, afeta, de forma contundente, a possibilidade de diálogo que tais instituições podem ofertar à vida social.

Faço referência aos debates e às reflexões sobre direitos humanos em relação à desigualdade e à injustiça social — o banquete diário das Ciências Humanas e Sociais. O espaço universitário ao ser guiado pelo critério da produção e consumo passa a ser sumamente questionável, pois, nessa perspectiva, a possibilidade de produzir conhecimento com pertinência científica e com relevância social fica por demais minimizada.

A onda neoliberal dos anos 90, sem dúvida, afetou todas as instâncias da universidade, porém nenhuma foi tão afetada quanto a extensão universitária. Nesse período a Extensão esteve, e não deixa de estar, voltada para a promoção de cursos, de consultorias, etc., enfim, para ações permeadas pela busca de apaziguar dificuldades vivenciadas pela sociedade cujos conflitos, injustiças e antagonismos se viram acirradas pelo neoliberalismo.

Como salientou Laura Tavares Soares (2007) — pró-reitora de Extensão na UFRJ de 2005 em diante —, não se pode transformar a extensão em programas de pobres para pobres apenas para aplacar a má consciência a respeito do seu papel social. Se, por um lado, a extensão esteve envolvida na realização de apaziguantes sociais, do outro lado da moeda estavam em curso ações descontinuadas e desengajadas — os chamados *e-ventos* culturais. Ventanias sorrateiras de um compromisso a médio e curto prazo. Tais ações são *shows*, apresentações, eventos de curto prazo — pequenas extensões de uma ideia, nada mais que isso. Em vez de estender a universidade à sociedade, acaba-se por estender a sociedade à universidade, vale dizer que apresentações que, cotidianamente, acontecem na arena comunitária são transferidas para o átrio universitário sob o argumento da importância da legitimidade institucional.

De uma forma ou de outra, seja pelas ações empreendedoras ou pela realização de eventos tutelados pela insígnia de extensão, é notória a persistência em atribuir à extensão a função de elo entre a universidade e a sociedade. Nesse modelo, a extensão é tida como a única e não uma das inúmeras formas de relação e de compromisso com a vida social. O que tal modelo mascara é a inércia da pesquisa e do ensino quanto a questões de engajamento com o mesmo objetivo.

A história do funcionamento da extensão no Brasil aponta que essa atividade foi criada para apaziguar um problema — a falta de diálogo eficiente da universidade com a sociedade. Com o tempo, a extensão tornou-se um problema em si mesmo, posto que, em muitas universidades, é evidente a dificuldade de criar propostas dialogantes e efetivas que promovam mudança social. É preciso refletir por que um espaço que nasce para estabelecer uma interlocução com a sociedade tem sido palco de ativismos e de experimentalismos inócuos — ações do tipo qualquer coisa. Institui-se, dentro do espaço acadêmico, que ações carentes de teor científico são classificadas de extensão. Assim, quando uma prática não está inserida no calendário acadêmico do ensino ou quando ela é carente de cientificidade, então é certo, será considerada extensão.

EXTENSÃO — POSSIBILIDADES E DESAFIOS DA UNILA

Para avançar no campo ideológico e prático do que tem sido denominado de extensão universitária, é preciso ter clareza sobre o papel da extensão. Afinal de contas, o que é Extensão? Para chegarmos à resposta é preciso refletir sobre qual é a universidade a ser “estendida”. Precisamos de extensão ou de diálogos?

Ainda faz sentido falar de Extensão enfatizando a lógica redutora das instâncias que compõem a universidade?

Essas questões precisam ser debatidas com afinco. Tais debates são importantes para não seguirmos cegamente estradas previamente construídas e comprovadamente equivocadas da extensão universitária no Brasil.

Para Botomé (1996), a discussão conceitual sobre a extensão precisa ser explicitada para poder demonstrar, com suficiente clareza, qual é exatamente o papel e a responsabilidade do que é chamado de extensão universitária nas relações entre sociedade e universidade. Considero que tal reflexão é igualmente necessária para o ensino e a pesquisa. O chamado tripé das instituições universitárias precisa ser revisto e repensado.

No caso da extensão, se partimos do pressuposto de que, antes de ser extensão, é universitária, fica evidenciado que as práticas devem ser antecedidas por um conhecimento crítico que conferirá lucidez às práticas. As ações nas universidades, até mesmo as mais burocráticas, não podem estar solapadas pelo determinismo automático e continuísta. O que denominei de lucidez, na realidade, não é senão a consciência da ação, que precisa estar em sintonia com os propósitos da universidade. Quando aponto que até mesmo as práticas mais burocráticas devem ser pensadas – faço referência aos editais, aos itens dos formulários, às formas de preenchimento etc., dentre tantas outras instâncias de trabalho que consome o tempo dos servidores instalados nas pró-reitorias. Os dados obtidos em formulários são informações importantes sobre os estudantes e a execução dos projetos e dos programas extensionistas. Não é admissível que as pró-reitorias de extensão cumpram apenas o papel de cartório, produzindo editais e recebendo relatórios. Tais instrumentos deveriam servir para alcançar melhorias e intercambiar informações. Para isso é necessário uma ação sinérgica entre os envolvidos, criando uma base de dados que conduza ao esclarecimento de dificuldades. Não faz sentido nenhum criar uma série de demandas – formulários, relatórios, etc., apenas para cumprir exigências protocolares. Esses instrumentos de controle, na realidade, precisam ser concebidos como instrumento de conhecimentos e fluxo, pois eles balizam as atividades realizadas e apontam demandas e dificuldades. Por outro lado, os estudantes precisam entender o quê e o porquê de determinadas demandas. O maior conhecimento disso certamente reduziria a execução de uma burocracia estéril e que avoluma o trabalho dos servidores nas pró-reitorias.

Um problema evidente em muitas universidades é a prescrição da atuação. Segundo Botomé (1996), as atividades de rotina, em geral, tendem a ser sacralizadas como definidoras da instituição e isto é uma das grandes armadilhas para os que nela atuam. Confundir atividades com objetivos, rotinas com normas orientadoras, práticas difundidas com definições ou emergências com prioridade é, por mais absurdo que pareça, umas das práticas mais comuns na universidade. A decorrência mais evidente ou marcante é uma ampla e profunda descaracterização da instituição (BOTOMÉ, 1996, p. 32).

As atividades gestadas e executadas nas pró-reitorias de extensão – quase sempre de contorno burocrático – não podem se reduzir a si mesmas. Essa afirmativa não desconsidera a importância do teor administrativo e organizacional presente no exercício burocrático, mas alerta para o entendimento de que essa é apenas uma etapa ou uma ponte para alcançar objetivos que precisam ser previamente visados. A burocracia, entendida como mecanismo de controle e punição, ainda é um dos grandes equívocos do serviço público – uma forma costumeira de pôr em prática aquilo que Veblen (1914) chamou de incapacidade treinada. Confunde-se a importância da democracia na universidade para a burocracia na universidade.

O PROGRAMA DE EXTENSÃO CURSINHO INGRESSA: EDUCAÇÃO E INTEGRAÇÃO

Até o ano de 1996, havia na cidade de Foz do Iguaçu duas instituições privadas e cinco cursos superiores públicos — ofertados pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. Em 2000, houve forte expansão de universidades privadas, isso seguido da ampliação da universidade estadual. Do outro lado da fronteira, a situação não era muito diferente. Ciudad del Este, Paraguai, maior cidade da fronteira, contava com a presença de um *campus* da Universidade Nacional del Este e, em Puerto Iguazu, Argentina, não há presença da universidade nacional. Esse breve panorama aponta para a necessidade primordial não resolvida nas três cidades da fronteira: o aumento da oferta do ensino superior público.

O Cursinho Ingressa: Educação e Integração é um programa de extensão em atuação desde 2011. Na sequência apresento um breve histórico sobre a atuação do programa.

O programa foi criado com o objetivo de ofertar aos alunos da cidade de Foz do Iguaçu aulas diárias gratuitas como forma de apoio para o processo seletivo das universidades e para o exame nacional de ensino médio – ENEM. A primeira turma foi formada em 2011 com os alunos da Escola Estadual Bartolomeu Mitre. Nesse período foram atendidos 80 jovens. Apesar do grande número de participantes na condição de professores do programa, a Unila, oferecia apenas uma bolsa, realidade que se estendeu até o ano de 2012. Em 2013, na sede da Unila-Centro, conseguimos mais nove bolsas somando 10 bolsistas. Com a reestruturação da Pró-Reitoria de Extensão no ano de 2014, os programas foram extintos e perdemos o vínculo de bolsas com essa Pró-Reitoria.

Em 2013, o projeto foi aprovado pelo Edital PROETX–MEC/Sesu. A verba do Proext, 2014, custeou a ação do programa durante o ano de 2014.

O Programa Cursinho Ingressa, desde a sua implantação em 2011, tem conquistado um espaço importante dentre as práticas consideradas extensionistas da universidade. Trata-se de uma ação continuada de ação diária. Um fator importante é o compromisso dos estudantes e a dedicação em “devolver” à sociedade aquilo que recebem da universidade pública.

A consciência dos primeiros participantes do programa foi de suma importância para a continuidade e o desenvolvimento da proposta. Projetos e ou programas que não toquem na consciência dos estudantes, que não os faça assumir sua responsabilidade social, estão fadados à efemeridade.

É válido, entretanto, questionar o porquê do êxito, se, na prática, o projeto pouco se distânciava da proposta de cursinhos populares de outras universidades. A resposta para essa pergunta está em compreender a especificidade da Unila e da região em que está instalada. Apontar para esses dois aspectos – as particularidades da Unila e da região em que está instalada, significa explicitar a importância da análise das particularidades e dos contornos contextuais em conferir importância e ressignificar atividades.

No caso da Unila, temos claramente uma universidade cuja missão é de promover a integração latino-americana. O termo “integração”, apesar de remeter para algo complexo, e questionável é inegável que confere uma identidade clara à universidade, assim como a orienta ideológica e politicamente. Consta do regimento da instituição que o corpo docente e o discente devem ser formados por professores e estudantes latino-americanos. Isso faz com que a maior parte dos estudantes seja oriunda de diversas regiões brasileiras e de países latino-americanos. Essa primeira característica aponta para primeira necessidade e, consequentemente a dificuldade inicial da instituição: integrar-se com a cidade em que está situada – Foz do Iguaçu.

O segundo fator preponderante é a região de fronteira. Local marcado pela multiculturalidade e também pela violência entre os grupos, sem mencionar uma expressiva carência de universidades públicas.

O conjunto das especificidades – Unila e a Fronteira, possibilitou que o Cursinho Ingressa se transformasse num laboratório de múltiplas experiências, onde os estudantes de diversos estados brasileiros e de vários países latino-americanos se articulam em torno de um objetivo — ministrar aulas para os estudantes do ensino médio brasileiro em vias de ingressarem na universidade. Apesar de ser considerado um programa de extensão e ter sido, desde o princípio, uma atividade extensionista, observo que as atividades do Programa Cursinho Ingressa articulam muitas instâncias da universidade. Ele é um intercessor de várias esferas, embora coloque em evidência o ensino e a extensão.

No caso do Cursinho Ingressa, a maior riqueza está na pluralidade dos alunos que compõem o programa. Atualmente fazem parte do programa, na condição de bolsista e de voluntários, alunos peruanos, bolivianos, paraguaios, equatorianos, colombianos e brasileiros. Essa composição confere ao programa uma especificidade em relação a outros de natureza similar, qual seja, a de os estudantes dos demais países latino-americanos empenham-se em mais uma tarefa – estudar o conteúdo do ENEM e ajudar brasileiros a entrarem na universidade.

O Programa, nesse contexto, tornou-se uma estratégia para alcançar múltiplos objetivos da Unila. A integração pelo conhecimento ainda é a forma mais efetiva de pôr em diálogo realidades culturalmente diferenciadas, mas relacionadas do ponto de vista social.

Os chamados cursinhos populares, presentes em muitos estados brasileiros, constituem-se em atividades importantes de incentivo para o ingresso no ensino superior no Brasil. A experiência do Cursinho Ingressa evidencia que o contato entre estudantes de faixas etárias diferenciada, mas com objetivos similares provocam uma alteração mútua de comportamentos. Essas iniciativas proporcionam mudanças significativas na perspectiva dos estudantes envolvidos. A troca de papéis – alunos que se tornam professores leva uma tomada de responsabilidades e consciência que transforma profundamente atuação dos universitários.

FINALIZANDO

Os dados dos últimos anos permitem certo otimismo quanto ao incremento do ensino superior na América Latina. Apesar de a iniciativa privada ser a responsável pelo crescimento notório do número de instituições no continente, não se pode negar um maior acesso ao ensino superior público de qualidade e, conseqüentemente, a redução do elitismo no mundo acadêmico. O aumento do número de universidades e o ingresso no ensino superior estão em consonância com um compromisso republicano — que nunca foi plenamente realizado em nosso país, o de oferecer igualdade de oportunidade a todo cidadão (independentemente de sua origem social, raça e ou credo religioso), bem como de também atender às exigências do mercado, que necessita cada vez mais de indivíduos qualificados profissionalmente.

A constituição da Unila põe em questionamento uma série categorias usuais no funcionamento da universidade brasileira, como, por exemplo, extensão universitária, a pesquisa universitária e internacionalização universitária.

Como nos diria Manolita Correia Lima (2006) — doutora em Educação pela USP e *expert* em educação superior, internacionalização da educação, administração, metodologia de pesquisa e formação docente — a experiência de internacionalização ativa da Unila, provoca a necessidade de redimensionar a prática do ensino, da pesquisa e da extensão. A universidade demanda ações pontuais. As velhas demandas, no caso da pró-reitoria de Extensão, precisam ser revistas na Unila. Não se trata apenas de relação com a comunidade, mas uma relação que deve levar em consideração as particularidades dos sujeitos envolvidos e as demandas

de uma região de fronteira que recebe uma instituição de ensino superior pública e federal. A internacionalização das atividades de extensão pode ser um forte aliado as propostas da universidade.

O grande perigo de universidades recentemente criadas, como a UNILA, é a tendência de funcionar dando continuidade a modelos de heterogestão — segmentado e compartimentalizado —, onde as partes que as compõem atuam de forma separada. Isso acaba gerando repartições de burocracia universitária que se baseiam em ranços hierárquicos regidos por relações de poder onde impera o ativismo político em detrimento dos propósitos da universidade. Tais ativismos produzem ações ocas e discursos de efeitos retóricos incondizentes com a realidade e de pouca efetividade. Para Matus (1987), a atividade sem um significativo capital intelectual pode ser um mero ativismo inócuo é até destrutivo.

NOTA

1. A Universidade Federal da Integração Latino-Americana está localizada na cidade de Foz do Iguaçu, PR, região conhecida como tríplice fronteira.

REFERÊNCIAS

BOTOMÉ, Sílvio Paulo. **Pesquisa alienada e ensino alienante**: o equívoco da extensão universitária. Petrópolis-RJ / São Carlos-SP/ Caxias do Sul-RS: Vozes/EDUFSCar/ EDUCS, 1996. 248 p.

CONTEL, Fábio B.; LIMA, Manolita Correa. **Períodos e motivações da internacionalização da educação superior brasileira**. Disponível em: <<http://www.ifbae.com.br/congresso5/pdf/B0095.pdf>>. Acesso em: 14 Dez. 2009.

FIÚZA DE MELLO, Alex “Os sinais de Bolonha e o desafio da construção do espaço latino-americano de educação superior”. In: **La Cuestión Universitária**. v. 6, 2010.

FREIRE, Silene Moraes. Extensão universitária e direitos humanos: desafios na contemporaneidade. **Revista Extensão em Foco**, da Pós-Reitoria de Extensão e Cultura da UFPR, n. 2, p. 33-42, 2008.

LIMA, Manolita Correia. **A internacionalização da educação superior no Brasil**: das motivações ao processo. **Anais do 1º Simpósio Internacional de Administração e Marketing e 3º Congresso de Administração da Escola Superior de Propaganda e Marketing**, Jul. 2006.

MATUS, Carlos. **Política, planificación y gobierno**. Caracas: Fundación Altadir y Organización Panamericana de la Salud, 1987.

SOARES, Laura Tavares Ribeiro. Prefácio: Direitos humanos políticas públicas e extensão universitária. In: FREIRE, Silene de Moraes (Org.). **Direitos humanos, violência e pobreza na América Latina contemporânea**, Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2007.

VEBLEN, Thorstein. **The instinct of workmanship**. Nova York: Macmillan, 1914.

LITERATURA SUGERIDA

ARAÚJO, Danielle M. M. **Nos caminhos da integração e da interculturalidade**: os desafios da Unila. Disponível em: <<https://revistas.unila.edu.br/index.php/sures/article/view/173/>>. Acesso em: 05 Mar. 2014

_____. **Internacionalização e integração**: interfaces, possibilidades e os desafios do Ensino Superior na Unila e Unilab. Disponível em: <<http://seer.uece.br/?journal=opublicooprivado&page=article&op=view&path%5B%5D=903&path%5B%5D=990>>. Acesso em: 01 Mai. 2014.

DIDRIKSSON, Axel. “La construcción de nuevas universidades para responder a la construcción de una sociedad del conocimiento” In: IMEA - Comissão de Implantação da Universidade Federal da Integração Latino-Americana. **UNILA: consulta internacional**. Contribuições à concepção, organização e proposta político-pedagógica da UNILA. Foz do Iguaçu, PR: IMEA, 2009.